

TANQUES CRUZADORES Por Reinaldo V. Theodoro



Crusader III do 17th/21st Lancers, 6ª Divisão Blindada, Tunísia, novembro de 1942.

No período entreguerras, o Exército britânico havia definido que sua força blindada se resumiria a três tipos de veículos: o tanque leve, o tanque cruzador (*cruiser tank*) e o tanque de infantaria. O primeiro seria usado para policiamento do Império, escolta e reconhecimento, equipando os regimentos de cavalaria; o segundo tinha a missão de dar combate aos tanques inimigos, perseguição e exploração, equipando as divisões blindadas; o terceiro destinava-se ao apoio à infantaria, sendo lentos e fortemente blindados, equipando as brigadas de tanques do Exército. Cada um tinha suas especificações típicas de velocidade, blindagem e armamento.

Nesta matéria, vamos analisar toda a linhagem de tanques cruzadores britânicos até 1943, a qual representou um esforço solitário do Reino Unido para enfrentar sozinho a máquina de guerra nazifascista.



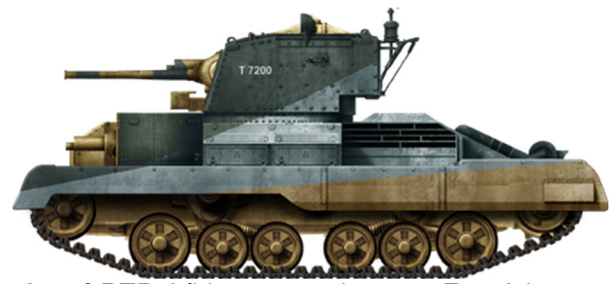
Tanque Cruzador Mark I

O *Cruiser Tank Mark I* (Tanque Cruzador Modelo I), também conhecido como A9, foi projetado a partir de 1934 numa tentativa de produzir um tanque barato e capaz de executar ações móveis (ele tinha várias peças comerciais, como um motor de ônibus). Em seu projeto foi enfatizada a velocidade (40 km/h) e o armamento (um canhão de 40 mm e três metralhadoras), em detrimento da blindagem (apenas 14 mm). Também foi o primeiro tanque britânico equipado com torre giratória com sistema hidráulico. Ele começou a ser produzido em 1937 e começou a chegar à França e à África do Norte em 1939. Embora a campanha ocidental de 1940

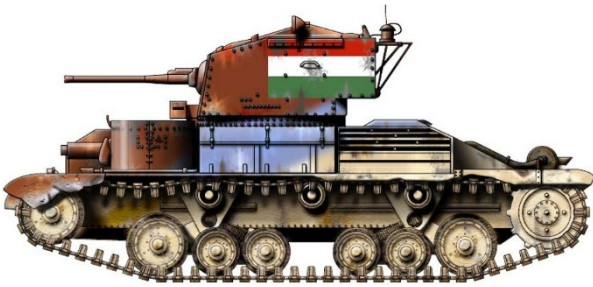
tenha sido um desastre, ele se saiu muito bem contra os medíocres blindados italianos na África, permanecendo em ação nesse teatro de operações até 1941. Como a maioria dos tanques britânicos, não tinha muita segurança mecânica, sendo alta a sua taxa de enguiços. Teve apenas 125 unidades produzidas.



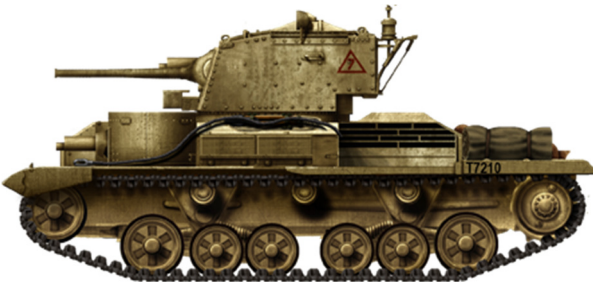
A9 da Força Expedicionária Britânica, Calais, França, maio de 1940. Essa pintura é inspirada no veículo atualmente em exposição no Museu de Tanques de Bovington.



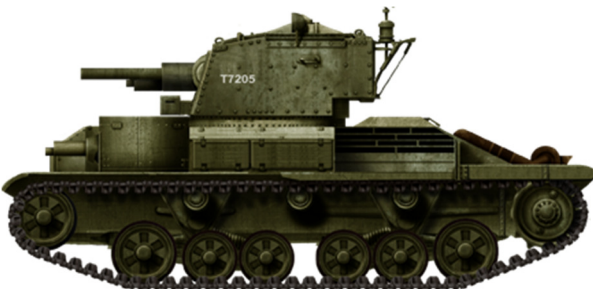
A9, 6º RTR, Líbia, outono de 1940. Este foi o esquema de camuflagem adotado pelos 1º e 6º RTR na ocasião.



A9 capturado pelos italianos e operado pelo 63º Batalhão de Tanques Leves, outubro de 1940.



A9, unidade ignorada, El Agheila, Líbia, março de 1941.



A9 CS (Close Suport), unidade ignorada, Grécia, maio de 1941. Alguns A9 foram equipados com obuseiros de 3,7 polegadas. Eles foram fornecidos em pequeno número aos quartéis-gerais do esquadrão e regimento.

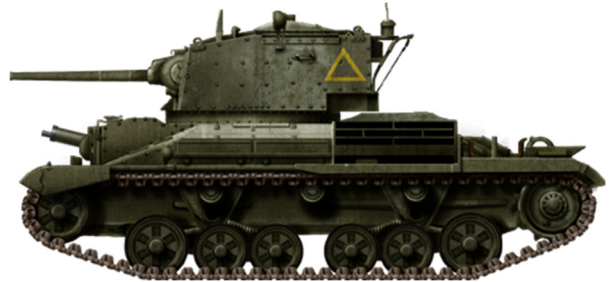


A9 originalmente pertencente ao Esquadrão "A", 5º RTR, 3ª Brigada Blindada, 2ª Divisão Blindada. Porém, na ocasião aqui ilustrada, ele servia ao comandante da 32ª Brigada de Tanques, em Tobruk. Note o painel branco-vermelho-branco usado como identificação adotado para a "Operação Crusader".

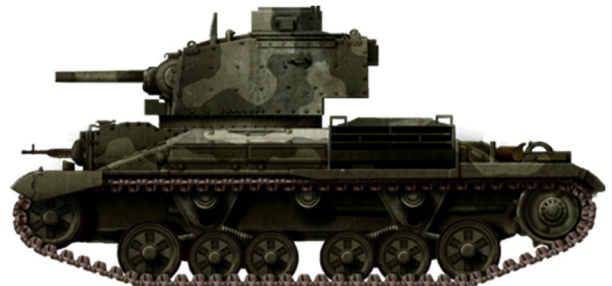


Tanque Cruzador Mark II

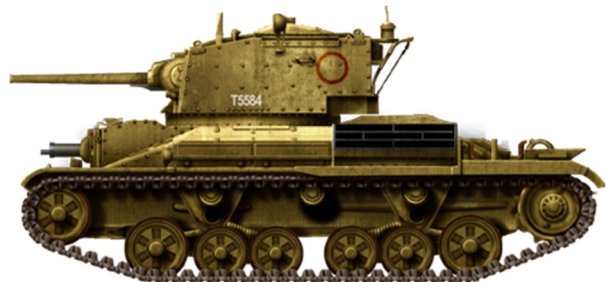
O modelo seguinte foi o Mark II (ou A10), que diferia do Mark I em alguns poucos detalhes, como a remoção das duas torretas de metralhadoras na proa do veículo, o que permitiu que ele fosse melhor blindado, embora sua velocidade acabasse sendo sacrificada por causa disso (ele foi classificado como "Cruzador Pesado"). Ele tinha o mesmo chassi do A9, mas com 30 mm de blindagem e o mesmo canhão de 40 mm, mas apenas uma metralhadora. A versão CS (Close Suport) tinha um obuseiro de 3,7 polegadas (94 mm) no lugar do canhão e se destinava a fornecer apoio de fogo com alto-explosivo e cobertura de fumaça (apenas 30 foram produzidos, a maioria empregada na África do Norte). Como o A9, equipou a 1ª Divisão Blindada na França na campanha de 1940 e teve importante participação na vitória britânica de Beda Fomm em 1941, sendo retirado de serviço no final desse ano. Teve um total de 175 unidades produzidas.



A10, um dos 21 exemplares que foram enviados à BEF na França.



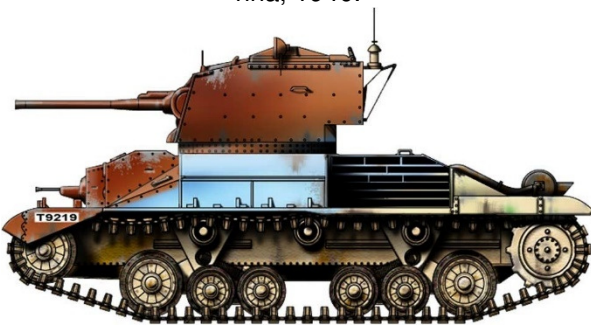
A10 CS (Close Support), 1ª Divisão Blindada, França, maio de 1940.



A10 em Tobruk, Líbia, durante a Operação "Compass", dezembro de 1940.



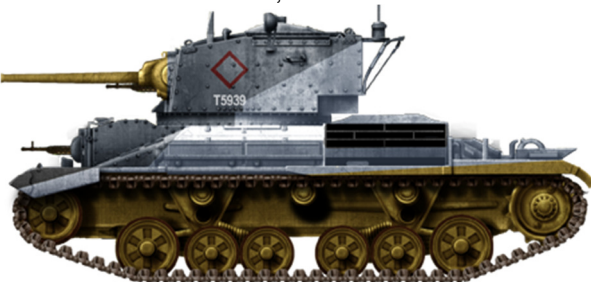
A10, designado pelos alemães como *Panzer-kampfwagen Mk.II 742(e)*, Kummersdorf, Alemanha, 1940.



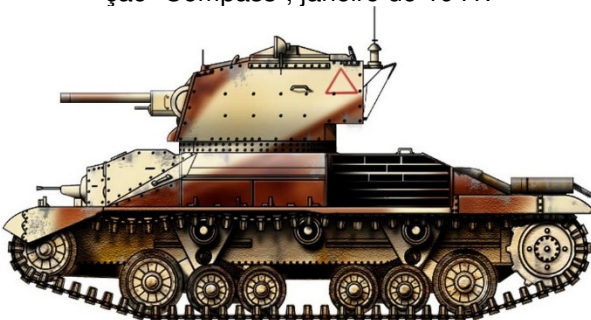
A10, 2º RTR, 7ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, África do Norte 1940-41.



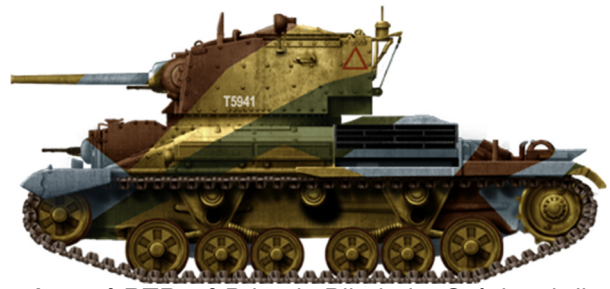
A10, 7ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, Líbia, 1942.



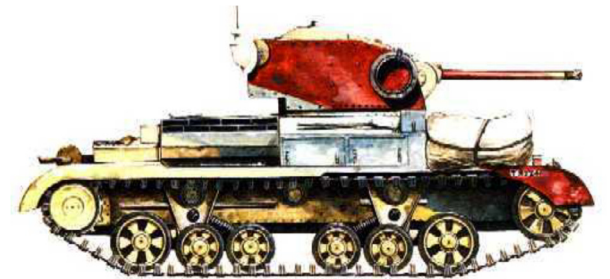
A10 Mk.IIA, unidade ignorada, durante a Operação "Compass", janeiro de 1941.



A10 CS, 2ª Divisão Blindada, capturado pelos italianos na África do Norte em 1941.



A10, 3º RTR, 1ª Brigada Blindada, Grécia, abril de 1941. Ao todo, 60 deles foram embarcados do Norte da África para a Grécia para apoiar os defensores gregos contra as forças alemãs. A pintura usada aqui tem Portland Stone, Silver Grey, Slate e Dark Brown.

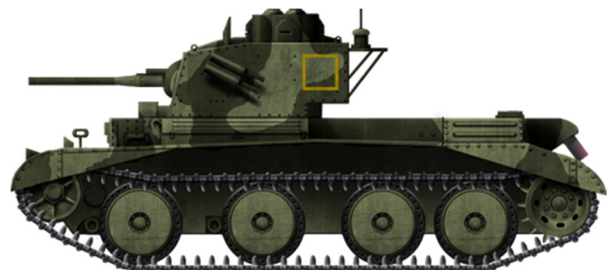


A10 do 2º RTR, 7ª Brigada, 7ª Divisão Blindada. O modelo ilustrado não apresenta marcações de esquadrão, o que pressupõe que seja um tanque vindo dos depósitos de reabastecimento.



Tanque Cruzador Mark III

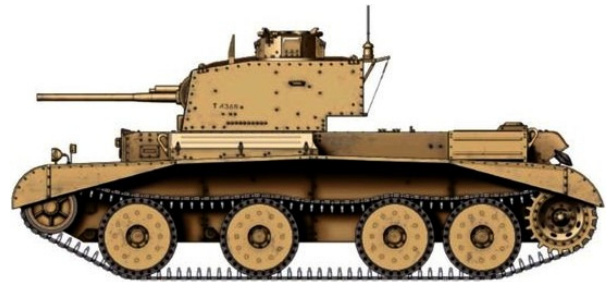
O Mark III (ou A13 Mark I) era um veículo radicalmente diferente. Baseado na revolucionária suspensão Christie, o A13 tinha o mesmo armamento do A10, mas tinha uma velocidade de 48 Km/h, embora mantivesse a escassa blindagem de 14 mm. Teve uma carreira de combate praticamente idêntica aos A9 e A10. Os remanescentes foram retirados de serviço após a "Operação Crusader" (novembro de 1941) e enviados para Chipre. Teve apenas 65 unidades produzidas em 1939.



A13 Mk.I durante a campanha da França, Esquadrão B, 3º RTR, 1ª Divisão Blindada, maio de 1940.



A13 Mk.I, 5º RTR, 3ª Brigada Blindada, 1ª Divisão Blindada, França, maio-junho de 1940. No detalhe, o símbolo da 1ª Divisão Blindada.



A13 Mk.I, *Royal Sussex Regiment*, 7ª Brigada de Infantaria indiana, Chipre, maio de 1942.

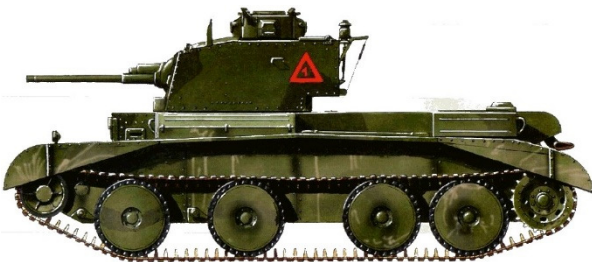


A13 Mk.I, *Queen's Bays Regiment*, 2ª Brigada Blindada, 1ª Divisão Blindada, França, maio-junho de 1940.



Tanque Cruzador Mark IV

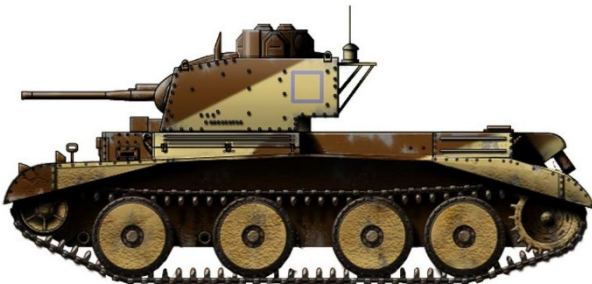
O Mark IV (ou A13 Mk.II) foi uma versão melhorada do A13, com melhor blindagem e uma nova torre. Tinha o mesmo armamento e velocidade de seu predecessor, mas incorporou a blindagem do A10 (30 mm). Era o melhor tanque cruzador britânico ao eclodir a 2ª Guerra Mundial, participou das campanhas da França e da África do Norte e só foi retirado de serviço em 1942. Ele teve 890 unidades produzidas.



A13 Mk.I, 2ª Brigada Blindada, 1ª Divisão Blindada, setor de Abbeville. França, 1940.



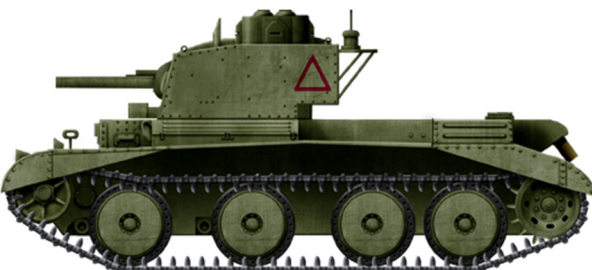
A13 Mk.II "Agility", 10º de Hussardos, 2ª Brigada Blindada, 1ª Divisão Blindada, França, maio-junho de 1940. O triângulo na torre e o nome "Agility" indicam que ele pertence ao Esquadrão A.



A13 Mk.I, 7º RTR, 7ª Brigada Blindada, Operação Crusader, Líbia, dezembro de 1941.



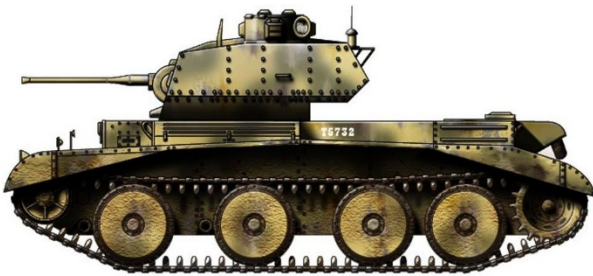
A13 Mk.II, 1ª Divisão Blindada, França, maio-junho de 1940.



A13 CS (Close Suporte), unidade ignorada.



A13 Mk.II, Alemanha, novembro de 1940. Ele recebeu a designação alemã *Panzerkampfwagen Mk.IV 744(e)*. No detalhe, o símbolo da 19ª Divisão Panzer, pintado na torre.



A13 Mk.II, unidade ignorada, África do Norte, 1941.



A13 Mk.II, 1ª Companhia, 100º Batalhão Panzer, frente oriental, verão de 1941. No detalhe da placa frontal, o "G" pintado em todos os veículos do 2º *Panzergruppe*, sob o comando do famoso General Heinz Guderian.



A13 Mk.IIA, 5º RTR, 2ª Divisão Blindada, Líbia, fevereiro-março de 1941. No detalhe, o símbolo da 2ª Divisão Blindada.



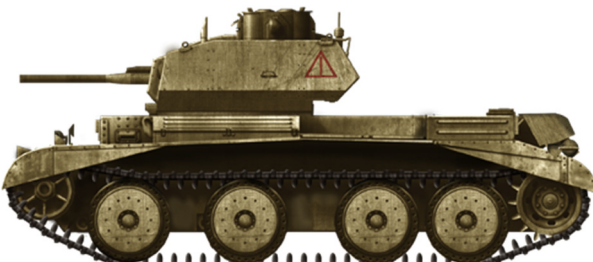
A13 Mk.II capturado pelos alemães e usado pela 18ª Divisão Panzer. Ele participou da Operação Barbarossa, a invasão da URSS, em junho de 1941. Cerca de 15 foram colocados em serviço pelos alemães.



A13 Mk.II "Evelyn", 5º RTR, 2º Divisão Blindada, Líbia, fevereiro-março de 1941.



A13 Mk.IIA "Amy", 7º *Queen's Own Hussars*, 7ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, Líbia, novembro de 1941. No detalhe, o símbolo da 7ª Divisão Blindada.



A13 Mk.II, 7ª Divisão Blindada, Egito, 1941.



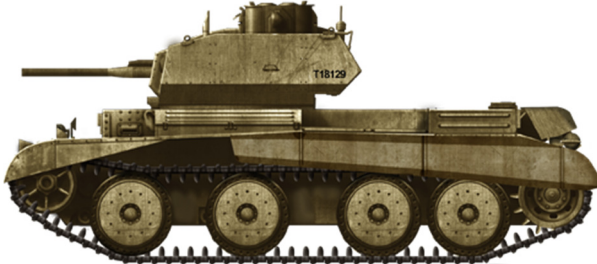
A13 Mk.II, 1ª Brigada Blindada, Grécia, abril de 1941.



A13 Mk.II, 7º *Queen's Own Hussars*, 7ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, Líbia, novembro de 1941.



A13 Mk.II, 2º RTR, 7ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, Egito, novembro de 1941.



A13 Mk.II, 7ª Brigada de Infantaria indiana, Chipre, 1942.



Tanque Cruzador Mark V Covenanter

O próximo modelo foi o Mark V *Covenanter*¹ (ou A13 Mk.III), o primeiro tanque cruzador britânico a ter um nome e que iniciou a tradição de tanques médios britânicos com nomes começando com “C”. Ele começou a ser desenvolvido em 1938 e se baseava em um chassi de baixa silhueta com suspensão Christie. Ele teve 1.771 unidades produzidas e entrou em serviço em maio de 1940, mas ele nunca foi comprovadamente empregado em combate, sendo usado apenas para treinamento. Em 1943, ele foi declarado obsoleto e apenas veículos convertidos em porta-pontes atuaram na Bélgica e na Holanda em 1944.



A13 Mk.III, 2º protótipo do Covenanter.



Covenanter Mk.I, versão inicial de produção, verão de 1940.



Covenanter Mk.I CS (Close Support). O obuseiro instalado nele era de 76 mm.



Covenanter, 18º de Hussardos, 9ª Divisão Blindada, Reino Unido, 1941-42.



Covenanter Mk.II, unidade ignorada.



Covenanter Mk.III, Divisão Blindada de Guardas, Reino Unido, 1942.



Covenanter Mk.III no Norte da África, King Force, outono de 1942. Um punhado de Covenanters foi enviado para o Egito para avaliação, mas não existe confirmação de que ele tenha entrado em combate. A King Force era equipada com tanques Churchill Mk.III.

¹ *Covenanter* era o nome dado a membros de um movimento religioso e político escocês do século XVII que

apoiava a Igreja Presbiteriana da Escócia e a primazia de seus líderes em assuntos religiosos.



Covenanter Mk.I, 10º Regimento Montado de Fuzileiros, 10ª Brigada de Cavalaria Blindada polonesa, Escócia, 1942. O "PL", que aparece na placa frontal, indica que é um veículo polonês.

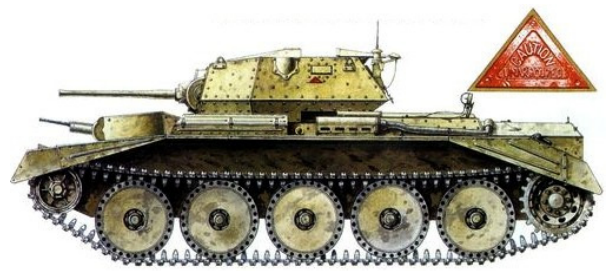


Covenanter Mk.III, versão de produção final, 9ª Divisão Blindada, Reino Unido, 1943. Este veículo participou de manobras fazendo o papel de um veículo inimigo, denotado pela cruz amarela na torre. No detalhe, a cabeça de panda, símbolo da 9ª Divisão Blindada.

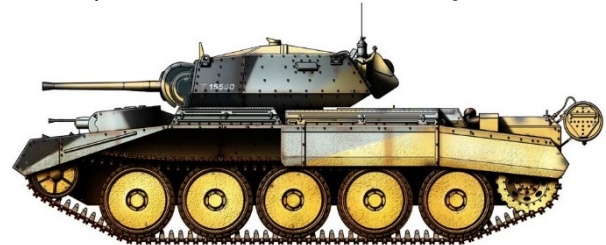


Tanque Cruzador Mark VI Crusader I/II

O Tanque Cruzador Mark VI (ou A15) *Crusader* (Cruzado) foi projetado entre 1938 e 1940 e foi o último tanque britânico desenvolvido sem experiência de combate na 2ª Guerra Mundial. Ao contrário da crença geral, ele não é um desenvolvimento do Covenanter, mas ambos foram desenvolvidos simultaneamente. Ele era consideravelmente mais pesado que o Mark V, com quase 20 toneladas em comparação com os 16 do seu concorrente, distribuídos em dez rodas em vez de oito. O casco mais longo poderia acomodar a nova torre de design inclinado e uma torreta secundária à esquerda, armada com uma metralhadora Besa de 7,9 mm (removida no Crusader II). Os primeiros Crusader I começaram a chegar à África do Norte em maio de 1941 e estreadam em combate no mês seguinte equipando o 6º RTR, parte da 7ª Brigada Blindada, durante a Operação "Battleaxe". Ele foi rapidamente substituído pelo Crusader II, que recebeu um aumento na blindagem da placa frontal e da torre (de 40 para 49 mm). O peso adicional foi compensado por um motor mais potente, além da remoção da esdrúxula torreta secundária (a única metralhadora que restou foi a coaxial). Essa versão chegou em 1942, bem a tempo de algumas das grandes batalhas da campanha da África. Todos esses modelos eram armados com um canhão de 40 mm, adequado para enfrentar com sucesso os tanques italianos e a maioria dos blindados alemães. No entanto, o Panzer III G, armado com um canhão longo de 50 mm, era outra história.



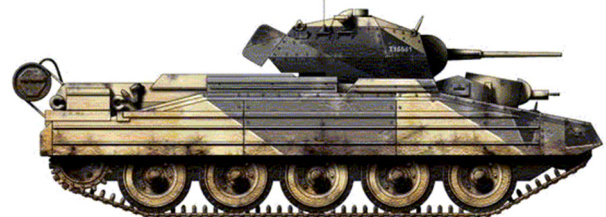
Protótipo do A15. No detalhe, marcação na torre.



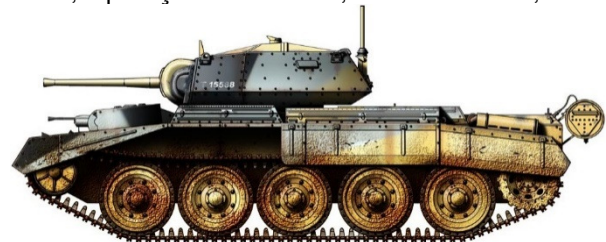
A15 Mk.I, 6º RTR, 7ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, Operação Battleaxe, junho de 1941. Este veículo pertence à primeira série de produção, ainda com as rodas do A13.



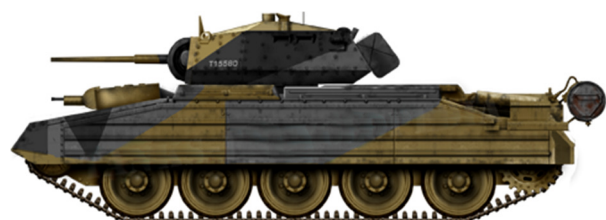
A15 Mk.I, 6º RTR, Egito, junho de 1941.



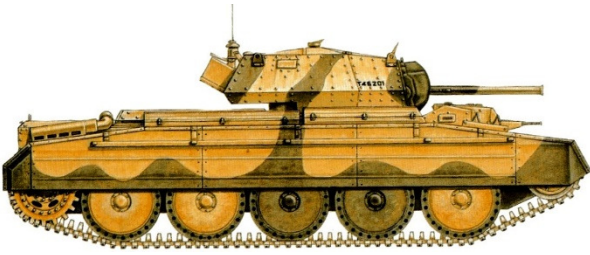
A15 Mk.I, 7ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, Operação "Battleaxe", África do Norte, 1941.



A15 Mk.I, unidade ignorada, África do Norte, 1941.



A15 Mk.I, unidade ignorada, 1941. Este tipo de pintura em ângulos retos remete à camuflagem de navios da Royal Navy.



A15 Mk.I, 3º RTR, 8ª Brigada Blindada, 10ª Divisão Blindada, 1941.



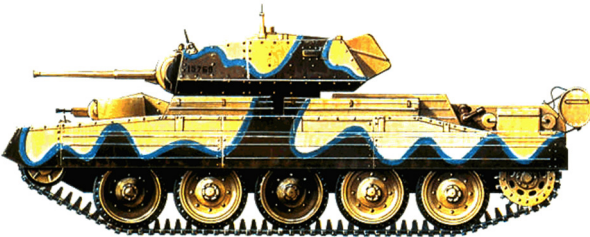
A15 Mk.I, unidade ignorada, Egito, novembro de 1941.



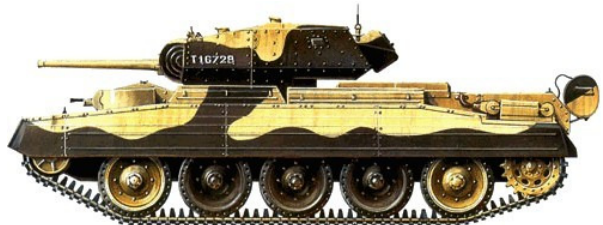
A15 Mk.I, 22ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada. A pintura é em *Portland Stone* e a faixa em *Blue Black*.



A15 Mk.I CS (Close Support), Gazala, Líbia, dezembro de 1941.



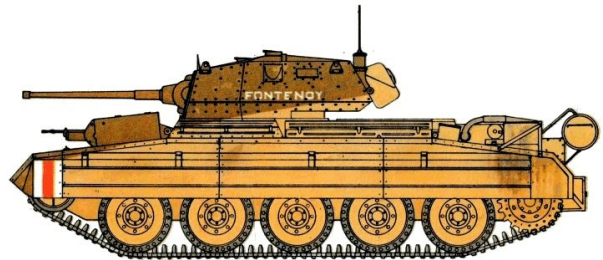
A15 Mk.I, unidade ignorada, 1941. O contorno da camuflagem em azul possivelmente é um erro de interpretação de fotos.



A15 Mk.I, 9th Queen's Lancers, 1ª Divisão Blindada, África do Norte, dezembro de 1941. A pintura é de *Blue Black* sobre o *Desert Sand*. As três rodas pintadas de cor mais escura no centro fazem parte do disfarce para uso dos "trajes civis".



A15 Mk.I, 22ª Brigada Blindada, novembro de 1941. Esse tanque foi destruído durante a Operação Crusader.



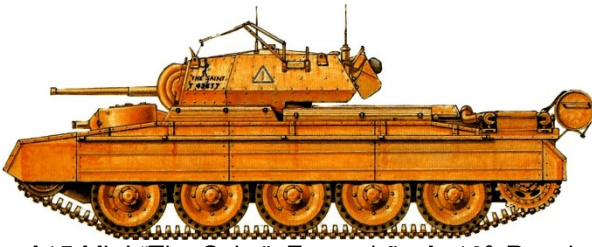
A15 Mk.I "Fontenoy", Bir El Gobi, Líbia, dezembro de 1941.



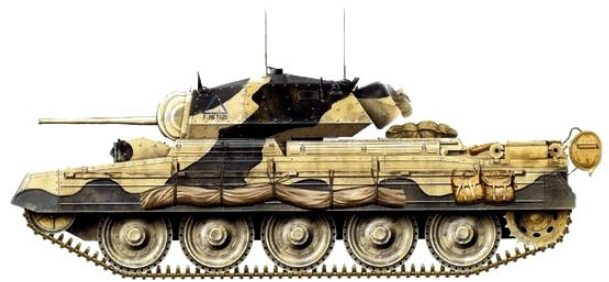
A15 Mk.I, Líbia, Operação Crusader, novembro de 1941.



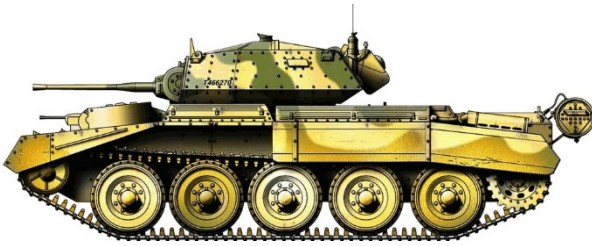
A15 Mk.I, 22ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, 1942. A pintura é de *Portland Stone* e *Bronze Green*, com contorno em preto e branco.



A15 Mk.I "The Saint", Esquadrão A, 10^o *Royal Hussars*, 2^a Brigada Blindada, 1^a Divisão Blindada, 1942.



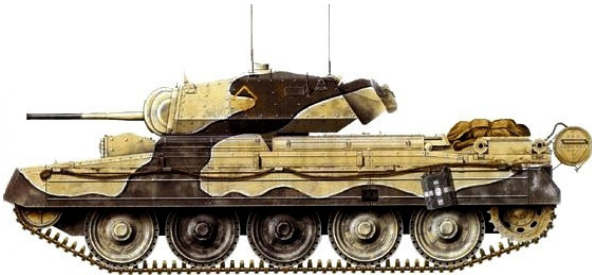
A15 Mk.II, 7^a Divisão Blindada, 1941. A pintura é de *Portland Stone* e *Blue Black*.



A15 Mk.I, 3^o RTR, 8^a Brigada Blindada, 10^a Divisão Blindada, Egito, 1942.



A15 Mk.II, 9^a Brigada Blindada, 1941. A pintura é de *Portland Stone* e *Blue Black*.



A15 Mk.II, unidade ignorada. A pintura é de *Portland Stone* e *Dark Brown*, com contornos em branco e preto.



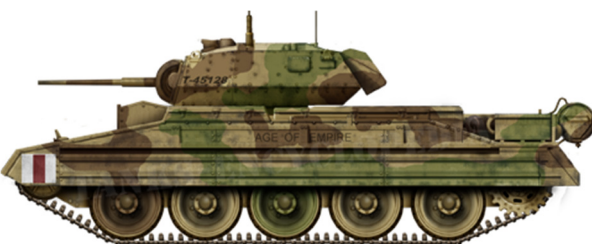
A15 Mk.II, 9th *Queen's Lancers*, 1^a Divisão Blindada, Líbia, dezembro de 1941.



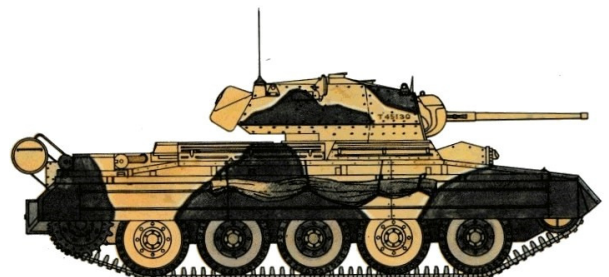
A15 Mk.II, 7^a Divisão Blindada, 1941. A pintura é de *Portland Stone* e *Olive Green*, com contornos em preto e branco.



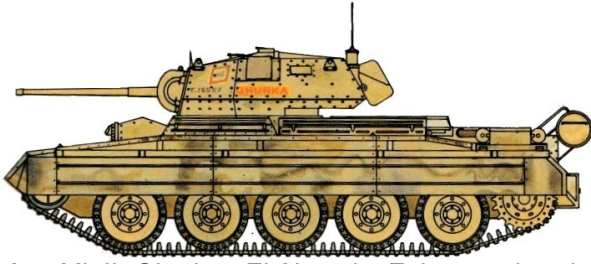
A15 Mk.II, última série de produção, unidade ignorada, Gazala, maio de 1942.



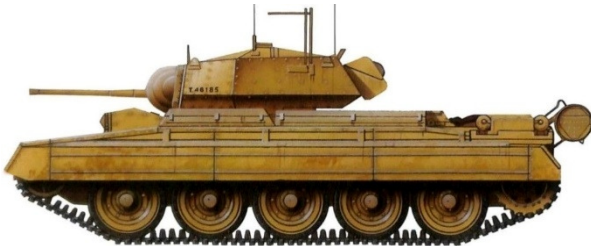
A15 Mk.II, 22^a Brigada Blindada, Líbia, dezembro de 1941. Esse padrão de três tons era muito raro.



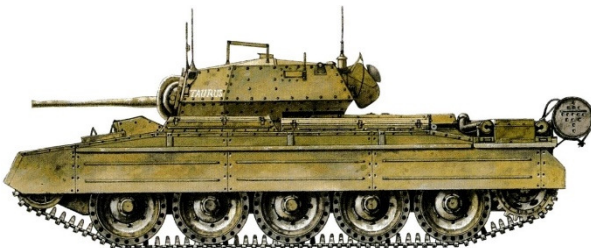
A15 Mk.II, Alam Halfa, Egito, agosto de 1942. No início da segunda batalha de El Alamein (23/10/42), quase todos os Crusader I e II foram removidos da linha de frente, substituídos pelo Crusader III.



A15 Mk.II "Ghurka", El Alamein, Egito, outubro de 1942.



A15 Mk.II, 1ª Companhia de Tanques (*Chars*), Franceses Livres, Líbia, 1943.



A15 Mk.II "Taurus", tanque de comando do QG da 11ª Divisão Blindada, Reino Unido, 1943.



A15 Mk.II, 1º Regimento Blindado, 16ª Brigada de Tanques polonesa, Reino Unido, 1943.



Tanque Cruzador Mark VI Crusader III

O Mark VI (A15 Mk.III) Crusader III recebeu um novo canhão de 57 mm e melhor blindagem (51 mm) e começou a equipar as unidades blindadas britânicas no deserto em meados de 1942. Ele substituiu todas as versões anteriores e se tornou o principal tanque britânico até 1943. Contudo, o Crusader, em todos os seus modelos, tinha sérios problemas técnicos e operacionais: a parte inferior da torre, em ângulo, agia como uma espécie de alavanca a cada impacto de um projétil, soltando a

torre de seu anel; o casco tinha um ponto vulnerável acima dos suportes de munição, onde, se fragmentos de metal incandescentes penetrassem, eles provocavam um incêndio; havia problemas com o superaquecimento do motor, vazamento de óleo, problemas com o sistema de filtro de resfriamento (causados principalmente pela erosão por areia) e desgaste excessivo de lagartas e suspensão devido à falta de infraestrutura de transporte. Era considerado um milagre se um Crusader operasse por mais de 36 horas sem sofrer alguma pane mecânica. Ao todo, foram produzidas cerca de 5.300 unidades do Crusader, que permaneceu em serviço até o final da campanha da Tunísia, em maio de 1943.

O Crusader foi usado ainda em algumas versões especiais. Além do já citado CS (Close Support), havia também tanques de comando, equipados com um canhão falso e dois rádios. Muitos foram modificados antes da batalha de El Alamein como postos móveis de observação de artilharia. Nesse caso, as modificações incluíam uma torre fixa, um canhão falso, rádios e um interior mais amplo e cheio de mapas e equipamentos.

Outros países da Commonwealth e aliados também receberam o Crusader a partir de 1941, como a África do Sul, Nova Zelândia, Austrália, Canadá, Polônia, França Livre e Holanda. Vários veículos capturados foram igualmente usados pelo Eixo, sendo incorporados à 15ª Divisão Panzer e à Divisão Blindada Littorio italiana. Depois da guerra, vários foram vendidos para o Egito e para a Argentina, que os converteram em canhões autopropulsados com peças de 75 mm e 105 mm.

Com exceção de alguns veículos usados pelos canadenses na Itália, nunca atuou em combate fora da África, mas o seu chassi foi modificado para servir como veículo antiaéreo, trator de artilharia, veículo de observação, escavadeira e guincho.



A15 Mk.III, unidade ignorada, um dos 100 exemplares que participaram da segunda batalha de El Alamein, outubro de 1942.



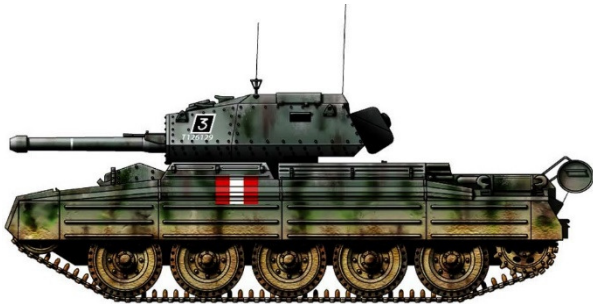
A15 Mk.III, 17th/21th Lancers, 6ª Divisão Blindada, Tunísia, novembro de 1942.



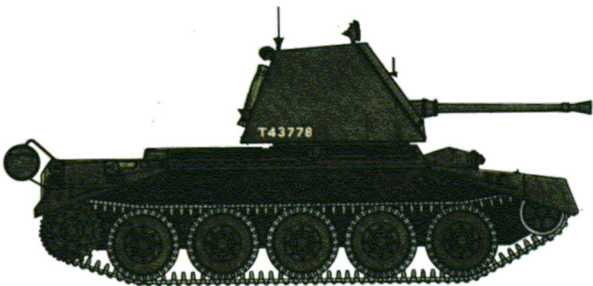
Pintura e Marcações



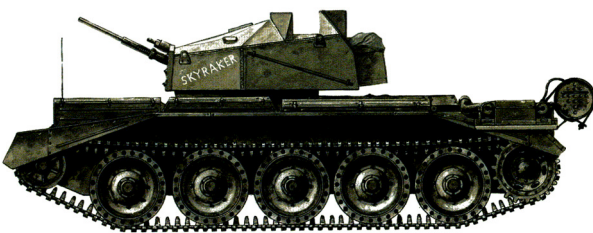
A15 Mk.III, 1ª Companhia de Tanques (Chars), França Livre, Líbia, 1943.



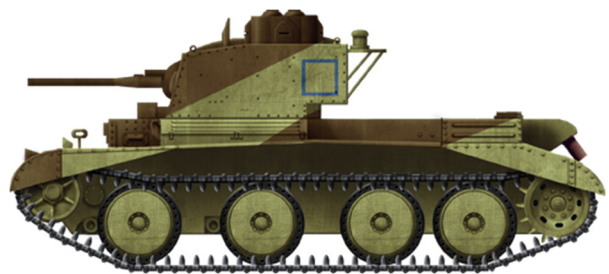
A15 Mk.III, 6ª Divisão Blindada, fevereiro de 1943, ostentando um padrão de camuflagem verde com listras mescladas em verde escuro.



Crusader Antiaéreo Mk.I, armado com um canhão Bofors de 40 mm. Mais de 1.370 Crusaders foram convertidos para fins especiais, dos quais cerca de 400 eram desta versão.



Crusader Antiaéreo Mk.III, "Skyraker", 1º RTR, 22ª Brigada Blindada, 7ª Divisão Blindada, junho de 1944. Ele é armado com uma montagem dupla de canhões Oerlikon de 20 mm. O Mark II diferia do Mark III apenas pela posição do rádio, movido da torre para o casco. Ele foi usado na Normandia, equipando unidades blindadas britânicas e a 1ª Divisão Blindada polonesa. No entanto, o domínio aéreo dos aliados na Normandia era tal que eles foram logo relegados a tarefas secundárias como postos de defesa locais móveis, em torno de campos de aviação, depósitos, QGs, etc.



A13 MK.I com a pintura preconizada pelo manual, com as cores G.3 e G.4, dezembro de 1940.

Os esquemas de pintura de veículos britânicos consistiam de uma cor básica, aplicada em todo o veículo ainda na fábrica. Uma vez no teatro de operações, os engenheiros do Exército cuidavam de executar a camuflagem mais adequada, seja por algum tipo de padrão de camuflagem, seja pintando o veículo inteiramente. Os tanques eram frequentemente pintados nas oficinas de campanha, com as tintas disponíveis e dependendo da estação do ano e da paisagem.

A questão das cores de veículos é sempre polêmica, em função de uma série de dificuldades, tais como: escassez de fotos coloridas do período, ausência de depoimentos sobre o assunto, não cumprimento de regulamentos nas oficinas de campanha, etc. Além disso, os efeitos do tempo, sol, chuva, lama, etc. têm que ser levados em consideração. Dois veículos pintados da mesma cor, no intervalo de alguns meses, ostentarão cores significativamente diferentes, principalmente em ambientes agressivos como o deserto.

Durante a década de 30, os blindados britânicos normalmente eram inteiramente pintados de uma cor chamada Nº 23 *Middle Bronze Green*. Em 1939, o War Office lançou um folheto de instrução chamado *Disruptive Paint* em que as cores padronizadas foram rebatizadas: o Nº 23 passou a ser chamado de G.3 ou *Khaki Green* Nº 3. As outras cores padronizadas foram: G.4 (*Dark Green* Nº 4) e G.5 (*Light Green* Nº 5). O G.4 deveria ser usado em faixas diagonais sobre a base de G.3, com as cores mais escuras predominando nas superfícies superiores. O G.4 era fornecido como uma pasta que podia ser diluída em gasolina ou água. Os padrões não deveriam ser idênticos e o método usado assegurava uma grande variedade de esquemas. O uso do G.5 era incomum.

Já para atuação no deserto norte-africano, os tanques, que chegavam da Inglaterra pintados de *Khaki Green* Nº 3, recebiam imediatamente uma pintura de *Desert Sand*, ou, oficialmente, *Portland Stone* (BSC Nº 64). Muitas unidades se limitaram a usar essa pintura em toda a superfície do veículo, mas outros regimentos fizeram extenso uso

de padrões de camuflagem usando cores como o *Silver Grey* (BSC Nº 28), *Slate* (BSC Nº 34), *Dark Brown* (SCC2) e *Dark Tarmac* Nº 4. Posteriormente, os tanques passaram a receber como pintura básica de fábrica o *Light Mud* (SCC5), complementado com grandes manchas de *Dark Olive Green* (SCC7) e *Blue Black* (SCC14). As tintas cinzas aparentemente eram provenientes de estoques da Marinha em Alexandria, no Egito. Os tanques da 26ª Brigada Blindada (6ª Divisão) chegaram da Inglaterra diretamente para o combate na Tunísia e eram pintados de *Khaki Green* Nº 3. Embora o interior de tanques geralmente seja pintado de branco, há registros de que o interior dos tanques britânicos no deserto era pintado de *Light Stone* (BSC61).



Cores usuais no Exército Britânico.

Uma notória polêmica se instalou com relação ao uso de tinta azul na camuflagem de tanques na África do Norte. Não há nenhuma cor azul em documentos oficiais. No entanto, o Imperial War Museum de Londres usou a tinta azul no seu tanque Matilda II, aparentemente por engano. Como o museu usava esse esquema de cores, ele foi copiado pelo Museu francês de tanques e por muitas empresas de kits de modelos pelo mundo.

A confusão pode ser fruto de relatos de veteranos do deserto. Um tripulante de tanque que serviu no 7º RTR em 1940-41 lembrou que seus tanques eram "de um terrível tom de azul". Muito provavelmente, algumas semanas na poeira, calor e alta radiação ultravioleta no deserto deterioraram as tintas de tal forma que elas ficaram com uma aparência muito diferente de seu tom original.

As unidades blindadas britânicas eram organizadas em pelotões, esquadrões, regimentos e brigadas. O termo "regimento" aqui leva a alguns equívocos, pois as unidades de fato têm efetivos de batalhão. Mas isso se deve à política de recrutamento britânica, onde o Regimento é de fato uma unidade de alistamento, no qual são formados batalhões e estes, ao se agruparem com batalhões de outros regimentos, formam brigadas. No caso das unidades blindadas, os tanques cruzadores e de infan-

taria são quase sempre oriundos do RTR (*Royal Tank Regiment*), ou seja, o 7º RTR é, de fato, o 7º batalhão formado pelo RTR. No caso das unidades de tanques leves, elas recebiam os nomes de regimentos de cavalaria, como os Hussardos e os Dragões.

No caso dos "nomes" dos veículos, era praxe, mas não regra, "batizar" os veículos com nomes começando pela letra do esquadrão ("Ali Baba", "Badger", "Culloden" e "Cynic" são alguns exemplos), ou, no caso de unidades numeradas, a letra correspondente. O 4º RTR usava nomes começando com a letra "D" (por ser a 4ª letra do alfabeto). Pelo mesmo motivo, o 6º RTR usava nomes começando com "F", o 7º com "G", o 8º com "H", o 42º, com "P" e o 44º, com "R" (começando a contar o alfabeto novamente após o "Z"). Nomes conhecidos são: "Durban", "Drake", "Ferocious", "Grampus", "Gulliver", "Horace" e "Phantom". O Regimento *Queen's Bays* (2ª Brigada Blindada, 1ª Divisão Blindada) dava nomes de cavalos de corrida para suas máquinas.

Um número de série, conhecido como "Número WD" (*War Department*), era geralmente pintado nas laterais do veículo ou na torre, precedido por uma letra que identificava o seu tipo ("T", no caso de tanques). Os números tinham 9 cm de altura e, em veículos escuros, eram pintados de branco.

Os veículos britânicos tinham também o chamado "Número de Ponte", uma indicação da classe de pontes que esse veículo poderia transpor, em função de seu peso. Eram círculos amarelos de 15 cm de diâmetro, com números pretos em seu interior e são facilmente observáveis em tanques que participaram da campanha francesa de 1940 (no deserto, obviamente, essa prática foi abandonada).

Os veículos britânicos, blindados ou não, ostentavam um painel retangular colorido de 23 x 16,5 cm, que podia ser pintado diretamente no veículo ou numa placa removível. Ao tempo da campanha da França, os tanques cruzadores britânicos tinham esse número pintado na placa frontal e na traseira, conforme a seguinte relação:

- Vermelho 3 → QG da 2ª Brigada Blindada;
- Vermelho 4 → Queen's Bays;
- Vermelho 5 → 9º Lancers;
- Vermelho 6 → 10º Hussars;
- Verde 7 → QG da 3ª Brigada Blindada;
- Verde 8 → 2º RTR;
- Verde 9 → 3º RTR;
- Verde 10 → 5º RTR.



Verde 9, identificação do 3º RTR. À direita, o símbolo da divisão e, à esquerda, seu número de ponte.

Já na campanha norte-africana, houve grandes mudanças nessa prática. Os painéis passaram a ser pintados no para-lama frontal direito e traseiro esquerdo (o brasão da unidade normalmente era pintado no para-lama oposto). Neles havia números brancos, que identificavam a unidade (embora esses números não tivessem nada a ver com a identificação real da unidade).

Cada serviço tinha de uma a três cores para o painel e, em unidades blindadas, a cor usada era o vermelho.

Unidades subordinadas diretamente a um QG de Corpo de Exército recebiam uma barra branca acima do painel e, nas subordinadas a um QG de Exército, uma barra branca abaixo dele.



Crusader II, África do Norte, novembro de 1941. Na ocasião, a 7ª Divisão usava os seguintes números: na 4ª Brigada, "50" identificava os veículos do Q.G. da brigada; "51", o 4º RTR; "52", o 5º RTR; e "53", o 7º RTR; na 7ª Brigada, "60" era o Q.G.; "61", o 2º RTR; "62", o 6º RTR e "63", o 8º RTR. Portanto, o número 53 no retângulo vermelho no para-lama dianteiro direito identifica esse veículo como pertencente ao 7º RTR.

Em outubro de 1939, os blindados da Força Expedicionária Britânica (BEF = *British Expeditionary Force*) receberam um símbolo de nacionalidade que consistia em um quadrado branco, de cerca de 30,5 x 30,5 cm, pintado em todos os quatro lados do casco. Ele não era popular com as tripulações e era frequentemente coberto com lama por receio de favorecer a mira dos artilheiros antitanques inimigos. Como essa matéria trata somente de tanques cruzadores e, na França, eles equipavam somente a 1ª Divisão Blindada (cerca de 150 tanques), muito provavelmente não precisou usá-lo, já que essa divisão só chegou à França no ano seguinte,

Já na África do Norte, foi aplicado um painel com faixas verticais em branco e vermelho, como identificação de nacionalidade, nas laterais do casco e/ou da torre. Sua localização e dimensões variavam de veículo para veículo e dependendo das circunstâncias. Após a batalha, muitos tripulantes trataram de se livrar dessas marcações, pois eram um bom ponto de mira para os artilheiros inimigos.



Símbolo de nacionalidade e sua posição típica na frente e atrás do veículo.

Os blindados britânicos usavam figuras geométricas como forma de identificação tática do veículo. Um losango indicava o esquadrão de Q.G., um triângulo, o Esquadrão "A", um quadrado, o "B" e um círculo, o "C". Um número pintado dentro da figura indicava o pelotão ou tropa (embora muitas vezes esse número fosse omitido ou ficasse fora da figura). A cor da figura normalmente indicava o regimento dentro da brigada: o regimento mais antigo, chamado de "sênior", era vermelho, enquanto os demais, por ordem de antiguidade, eram pintados em amarelo, azul e verde (se houvesse quatro regimentos, o que era muito incomum). O regimento mais novo era chamado de "júnior". Nos regimentos independentes ou em casos extraordinários, essa cor podia indicar, na mesma ordem, o esquadrão (e se o número fosse branco, indicava o esquadrão de QG).

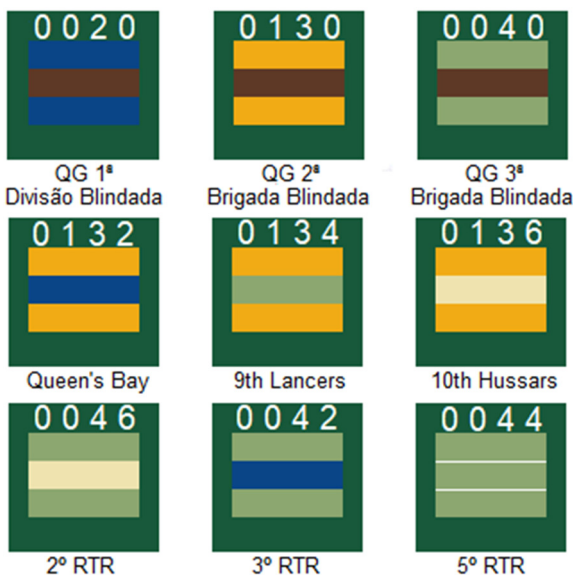


Símbolos táticos básicos.

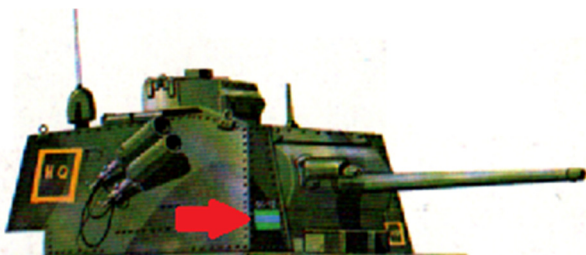
No caso específico das unidades levadas para a França, havia um número de embarque com quatro dígitos pintados de branco, em superfícies facilmente observáveis. Abaixo dele havia três faixas coloridas, de aproximadamente 20,3 cm x 5,1 cm. As cores variavam em função dos números de embarque, conforme a relação abaixo:

- 1 → Vermelho;
- 2 → Azul;
- 3 → Amarelo;
- 4 → Verde Claro;
- 5 → Cinza;
- 6 → Bege;
- 7 → Vermelho Escuro;
- 8 → Cor do serviço;
- 9 → Branco;
- 0 → Marrom.

Por exemplo, o número de embarque do 3º RTR era 0042. Então, a primeira e a terceira faixas teriam a cor verde claro (4) e a faixa do meio teria a cor azul (2). Na 1ª Divisão Blindada, as marcações usadas foram as seguintes:



A maioria dessas marcações foi removida após a chegada na França, mas a 1ª Divisão Blindada, por ter chegado já com a campanha iniciada, manteve essas marcações em seus veículos.



Número de embarque na torre de um A13 Mk.I. Apenas por ele você pode concluir que ele pertence ao 3º RTR.

A 1ª Divisão Blindada usava como símbolo divisional um rinoceronte dentro de uma elipse com contorno branco. Após a campanha da França, a elipse passou a ter um fundo preto.

A 2ª Divisão Blindada chegou à África com duas brigadas blindadas (1ª e 3ª, sendo que esta pertencia originalmente à 1ª Divisão Blindada e participou da campanha da França em 1940), mas a 1ª Brigada foi enviada para a Grécia e acabou ficando por lá. O símbolo divisional era um elmo branco sobre um quadrado vermelho ou preto.

A 6ª Divisão Blindada tinha como símbolo divisional um punho de armadura fechado, de cor branca sobre um quadrado preto.

A 7ª Divisão Blindada, justificando o seu apelido, adotou como símbolo um *jerboa* (rato do deserto) em vermelho, sobre um círculo branco em um quadrado vermelho. A sua composição variou muito durante a campanha, chegando a ter, em uma ocasião, três brigadas blindadas (4ª, 7ª e 22ª). As 4ª e 7ª Brigadas usavam variações do *jerboa* como símbolo de unidade (respectivamente, com as cores preto e verde).

A 8ª Divisão Blindada chegou ao Egito com duas brigadas blindadas (23ª e 24ª), mas nunca atuou como uma divisão. Após a virtual destruição da 23ª Brigada a 22/07/42, esta foi reorganizada e tornou-se a unidade de tanques de infantaria do 8º Exército, enquanto a 24ª Brigada foi transferida para a 10ª Divisão Blindada. O símbolo da 8ª Divisão era um "GO" preto escrito dentro de um círculo amarelo, com a cor original do tanque ao fundo. Apesar dela nunca ter atuado como uma divisão, os tanques de suas brigadas ostentaram durante algum tempo as suas marcas de identificação normalmente.

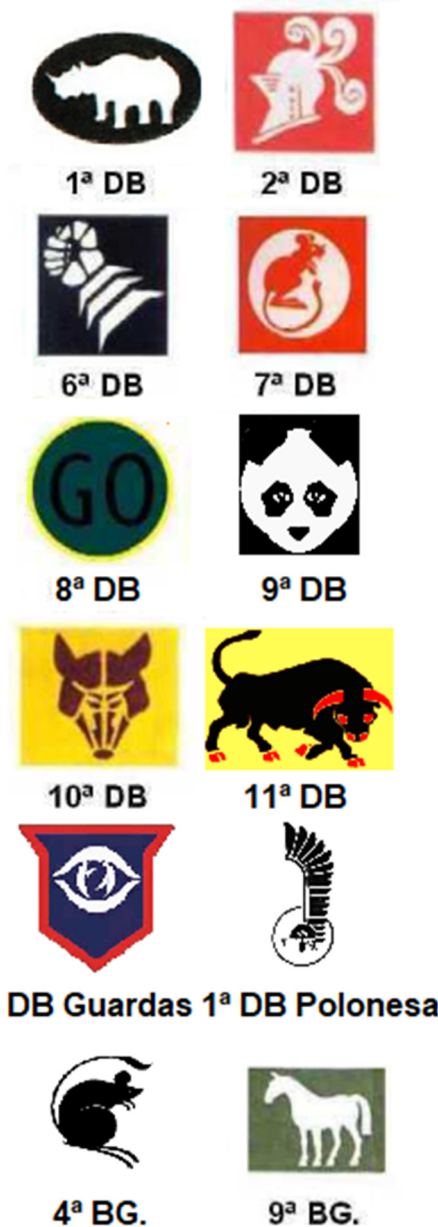
A 9ª Divisão Blindada usava uma cabeça de urso panda como símbolo divisional. No entanto, ela foi usada somente para treinamento, nunca saindo do Reino Unido.

A 10ª Divisão Blindada usava uma cabeça de raposa sobre um quadrado amarelo como seu símbolo. Ela era originalmente formada pelas 8ª e 9ª Brigadas Blindadas, mas, para El Alamein, a 9ª foi retirada e, em seu lugar, recebeu a 24ª, transferida da 8ª Divisão.

A 11ª Divisão Blindada foi criada na Inglaterra a 09/03/41 e utilizou Crusaders e Covenanters durante o seu treinamento, mas já havia sido totalmente reequipada com Shermans quando desembarcou na Normandia. Seu símbolo divisional era um touro preto sobre um retângulo amarelo.

A Divisão Blindada de Guardas foi criada no Reino Unido a 17/06/41 e usava um brasão azul com contorno vermelho e um olho branco no centro como símbolo divisional. Como a 11ª, ela utilizou Crusaders e Covenanters durante o seu treinamento, mas já havia sido totalmente reequipada com Shermans quando desembarcou na Normandia a 28/06/44.

A 1ª Divisão Blindada Polonesa foi criada na Escócia em fevereiro de 1942 e tinha como símbolo divisional um capacete com asas dos Hussardos poloneses. Ela também treinou com Crusaders até ser reequipada com Shermans e Cromwells e enviada para a Normandia em fins de julho de 1944. As marcas de identificação dos tanques da 9ª Brigada limitavam-se ao número da unidade e o símbolo da brigada (um cavalo branco).

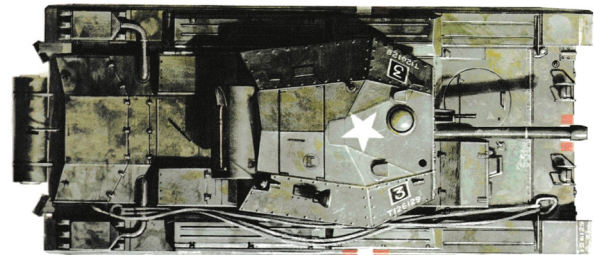


Símbolos das principais unidades blindadas britânicas de 1939 a 1943.

Para identificação por aviões, a partir de 1942 passaram a ser pintados círculos idênticos aos usados pela RAF no teto dos veículos (em tanques, podiam ser pintados no alto da torre ou sobre o compartimento do motor).

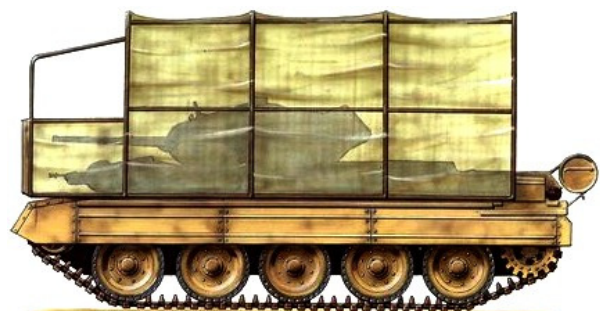


Identificação aérea de nacionalidade.



Crusader III, 6ª Divisão Blindada, Tunísia, 1943. Observe a marcação de identificação aérea no alto da torre.

O recurso de dissimulação que fazia um tanque parecer um caminhão (apelidado de "trajes civis") era chamado de "Sunshield" (para-sol). Era uma estrutura de metal com cobertura de lona que disfarçava o tanque para o reconhecimento aéreo inimigo. Ele era montado em duas partes longitudinais, que se abriam a partir de um fecho sobre a cabeça do comandante na torre. O primeiro protótipo pesado de madeira foi feito em 1941 por Jasper Maskelyne, um famoso mágico britânico. O segundo modelo era feito de lona esticada sobre uma estrutura de tubo de aço leve.



Tanque Crusader "em trajes civis". Aquele "rack" que os tanques britânicos no deserto têm ao longo da lateral (e que você não sabia para que servia) era para apoiar a estrutura da camuflagem. Além do Crusader, Shermans e Grants usaram esse dispositivo.

Para conseguir o resultado desejado, caminhões reais eram estacionados abertamente na área que seria usada para a concentração de tanques posteriormente. Eles ficavam lá durante algumas semanas, enquanto tanques reais ficavam estacionados de forma igualmente aberta bem longe da frente de ataque. Duas noites antes do ataque, os tanques substituíam os caminhões, sendo cobertos com o "Sunshield" antes do amanhecer. Ao mesmo tempo, tanques falsos eram postados no local onde os tanques estavam concentrados originalmente.

Aos olhos do reconhecimento aéreo alemão, os caminhões e os tanques continuavam nos mesmos lugares, não dando qualquer indicação de uma ofensiva em breve.

Este recurso foi utilizado na Operação “Bertram”, um preparativo para a 2ª Batalha de El Alamein (23/10/42). Depoimentos de oficiais alemães capturados mostraram que esse tipo de engodo foi bem-sucedido: eles realmente acreditavam que o ataque viria do Sul, onde tinham visto os tanques e veículos falsos, e não do Norte.



Kits:

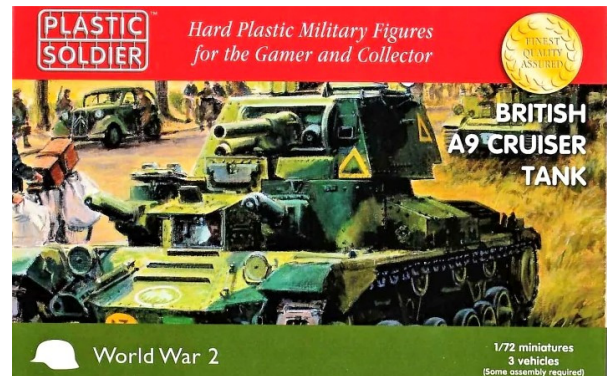
Existem alguns kits do A9 no mercado internacional. Na escala 1/72 temos produtos da IBG polonesa (dois) e da Plastic Soldier britânica; na mais popular escala 1/35, temos um kit da Bronco e dois da Gecko Models (ambas chinesas).



A9 na escala 1/72 da IBG. Ele vem com opções de decalques para veículos na França e na África do Norte.



A9 CS na escala 1/72 da IBG.



A9 na escala 1/72 da Plastic Soldier.



A9 na escala 1/35 da Bronco. O kit vem com duas opções de montagem (Mk.I e Mk.I CS) e três opções de decalques, sendo um na França e dois na África do Norte.



A9 na escala 1/35 da Gecko Models.



A9 CS na escala 1/35 da Gecko Models. O kit vem com seis opções de decalques, sendo cinco na França e apenas uma na África do Norte.

A Bronco e a Gecko Models são as únicas que têm kits do A10, ambos na escala 1/35.



A10 na escala 1/35 da Bronco. Ele oferece duas opções de montagem (Mk.IA e Mk.IA CS) e três opções de pintura e decalques, todas do 3º RTR na Grécia.



A10 na escala 1/35 da Bronco. Ele oferece três opções de montagem (Mk.I, Mk.IA e Mk.IA CS) e sete opções decalques, inclusive uma alemã.



A10Mk.IA na escala 1/35 da Gecko Models. Ele oferece cinco versões diferentes de decalques, sendo duas na França, uma na Grécia e duas na África do Norte.



A10Mk.IA CS na escala 1/35 da Gecko Models. Como os demais produtos da Gecko, ele vem com photoetched.



A10Mk.I (ou *Kreuzer Panzerkampfwagen* Mk. II 742(e), o que você achar melhor) na escala 1/35 da Gecko Models.

Apenas a S-Model (chinesa) produz um kit do A13 Mk.I na escala 1/72 e a Bronco na escala 1/35.



A13 Mk.I na escala 1/72 da S-Model. A julgar pela ilustração da caixa, ele vem com decalques para o Esquadrão A do 3º RTR na França em 1940.

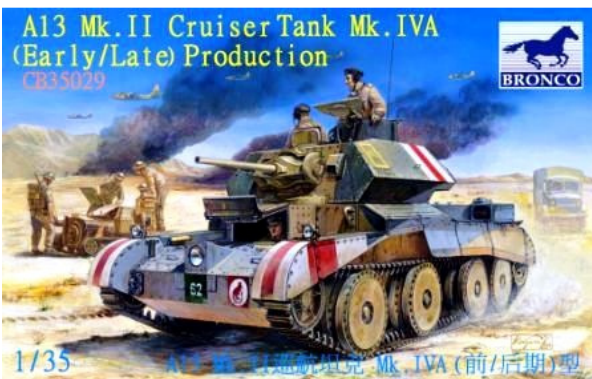


A13 Mk.I na escala 1/35 da Bronco. O kit vem com decalques para três opções, mas nenhuma na África do Norte. São duas na França e uma no Reino Unido.

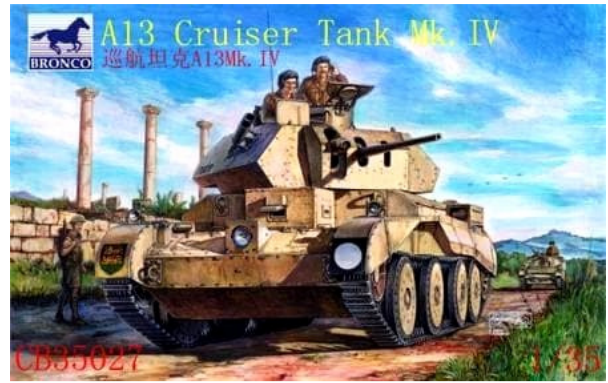
A nossa velha amiga russa Zvezda tem um kit do A13 Mk.II na escala 1/100, enquanto a Bronco oferece três kits dele na escala 1/35.



A13 Mk.II (Tanque Cruzador Mark IV) na esdrúxula escala de 1/100 da Zvezda. A caixa lançada em 2014 vinha com uma propaganda enganosa ao chamá-lo de "Crusader", mas isso foi corrigido em 2017. Aparentemente, ele vem sem decalques.



A13 Mk.II na escala 1/35 da Bronco. Ele vem com duas opções de montagem e quatro opções de decalques, sendo um na França e três na África do Norte.



A13 Mk.II na escala 1/35 da Bronco. Ele vem com duas opções de marcações, sendo uma na França e uma (acredite se quiser) em Chipre.



A13 Mk.II (também conhecido como *Panzerkampfwagen* Mk.IV, 744(e)) na escala 1/35 da Bronco. Ele vem com duas opções de marcações da 18ª Divisão Panzer no front russo em 1941.

O Covenant não é muito popular entre os modelistas, tendo apenas dois kits no mercado: um da Cromwell Models (com um nome desses só podia ser britânica) e um da Inside the Armour (é, eu também nunca tinha ouvido falar), ambos na escala 1/35.



Covenant Mk.II na escala 1/35 da Cromwell. O kit é de resina e tem partes de metal, mas não fornece decalques.



Covenanter na escala 1/35 da Inside the Armour britânica. O kit vem com opções de montagem nas versões Mk.I, Mk.II e Mk.IV.



Crusader III na escala 1/72 da Hasegawa. O kit vem com decalques para o deserto norte-africano (1ª Divisão Blindada) e na Tunísia (6ª).

Agora vamos para a estrela da matéria, o Crusader! Na escala 1/72, a IBG, a Hasegawa, a Revell e a S-Model tem kits dele (a IBG tem também um kit do Crusader AA); na raríssima escala 1/56, a Rubicon tem um kit bastante polivalente dele; na escala 1/48, a tradicional Tamiya tem três kits dele (incluindo a versão AA); já na escala 1/35, temos nada menos que cinco empresas oferecendo kits dele: Border Models, Italeri (duas versões AA), Revell/Italaerei, Tamiya, Tomy, Por fim, na escala 1/32 temos um kit da Airfix.



Crusader III na escala 1/72 da Revell.



Crusader II na escala 1/72 da IBG. O kit vem com três opções de decalques, sendo dois na África do Norte e um com marcações polonesas no Reino Unido.



Crusader I/II na escala 1/72 da S-Model. O kit vem com quatro opções de decalques, todas na África do Norte, obviamente.



Crusader III AA na escala 1/72 da IBG. O kit vem com duas versões de decalques, sendo uma britânica e uma polonesa.



Crusader II CS na escala 1/72 da S-Model. O kit vem com photoetched e partes de metal, mas tem apenas uma opção de decalques.



Kit do Crusader da Rubicon Models na escala 1/56. Ele pode ser montado em um dos três modelos (I, II e III) e ainda na versão CS ou AA. Ele vem com quatro opções de decalques.



Crusader III AA na escala 1/48 da Tamiya. O kit vem com duas versões de decalques, sendo uma britânica e uma polonesa.



Crusader I/II na escala 1/48 da Tamiya. O kit vem com partes de metal e decalques para quatro opções, todas na África do Norte.



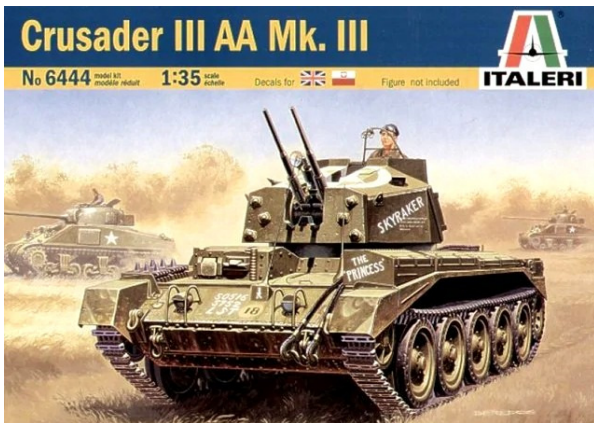
Crusader III na escala 1/35 da chinesa Border Models.



Crusader III na escala 1/48 da Tamiya. O kit vem com partes de metal e três opções de decalques, todas da 6ª Divisão Blindada na Tunísia.



Crusader III AA Mk. I na escala 1/35 da Italeri. O kit vem com apenas uma versão de decalques, de março de 1943 no Reino Unido.



Crusader III AA Mk.III na escala 1/35 da Italeri. O kit vem com três versões de decalques, sendo duas britânicas e uma polonesa.



Crusader III na escala 1/35 da Tomy. Na verdade, é o mesmo kit da Italeri.



Crusader III na escala 1/35 da Revell/Italaerei. O kit era originalmente da Italeri, mas a matriz foi usada por outras fábricas.



Crusader Mk.III na escala 1/32 da Airfix. Ele vem duas opções de decalques.



Crusader III na escala 1/35 da Tamiya. O kit vem com duas opções de decalques, ambas da 6ª Divisão Blindada na Tunísia.

Note que as linhas de produção das fábricas de kits são dinâmicas, ou seja, estão sempre retirando e lançando produtos. Além disso, é possível encontrar kits fora de produção em estoques nas lojas. Portanto, o que foi dito acima é apenas uma orientação.

Até a próxima!